

# NOS CAMINHOS DE ÉDIPPO

MARIA MAFALDA VIANA

Por várias vicissitudes históricas, muito do que da Antiguidade poderia ter chegado aos nossos dias se perdeu, situação a que não escapa nem a importante figura de Édipo conforme ela foi modelada na Grécia. Assim sendo, o mais sensato será moderar a reflexão sobre este herói quando se trata de analisar textos fragmentários; ou então – o que já não é pouco – cingir-nos à tragédia de Sófocles. Não obstante tudo isto, parece-me muito tentador tentar encontrar de Édipo o sulco rarefeito de um caminho que porventura possa cruzar-se com o que desta figura foi traçado por Sófocles na tragédia homónima que considero incontestavelmente maior.

59

Na tradição épica, entre o ciclo troiano, e também nos trágicos Ésquilo e Eurípides, pouco é o que recebemos de Édipo, reduzindo-se, no caso de Ésquilo, o sobrevivente da possível tragédia homónima a um fragmento, que na edição de Radt aparece nos fragmentos de lugares incertos. De Eurípides sobreviveram vários fragmentos, embora não se possa a partir deles reconstituir a sua tragédia. Na verdade, se apenas estes testemunhos – entre os quais até podemos incluir os dos versos da *Odisseia* relativos ao avistamento da mãe de Édipo no Hades por Ulisses (XI, 271-280) – tivessem chegado aos nossos dias, bem diferente seria a nossa percepção de uma figura à qual o mais certo seria não darmos mais importância do que a devida a um valor documental. No entanto, Édipo, a partir de Sófocles, havia de revelar-se herói maior, marcando ao longo dos séculos, e de forma decisiva, a cultura europeia e do Ocidente. Deste modo, aliado à importância conquistada por esta figura, o facto de nem Ésquilo nem Eurípides serem, cada um a seu modo e

com o seu valor específico, poetas menores do século V a. C. leva-me a estranhar – quando não, em todo o caso, a magicar – este estado de coisas relativamente a Édipo.

E neste aspecto parece-me que nada do que ao tempo da escolha levada a cabo no século II d. C. terá justificado a redução drástica do fundo de textos trágicos para uso nas escolas (e portanto também a transmitir às gerações vindouras) poderá atenuar este sentimento de estranheza. É que de facto o brilhantismo – e não há outro termo para designá-la, pois não é redutível a uma predicação menos opaca (permita-se-me o paradoxo) – da tragédia de Sófocles *Rei Édipo*, enfim, tudo quanto nela edifica a sua perfeição e faz que para nós Édipo possa ser, naturalmente entre outros, um emblema da cultura europeia marca-nos tão decisivamente que a custo se compreendem as razões de terem sido preteridas as tragédias de Ésquilo e de Eurípides onde este herói teria sido protagonista. Aceito, muito embora, que de facto o carácter inigualável da tragédia de Sófocles possa ter peso neste estado de coisas. Ainda assim, a perda parece-me estrondosa.

Não é, porém, sobre este problema que pretendo deter-me. Na verdade, por muito que tal nos inquiete ou mesmo por muito que fosse o engenho e a arte na reconstituição de caminhos, este é daqueles assuntos em relação aos quais melhor será a prudente aceitação do nosso não saber no tocante à imensa vastidão do que, tendo sido apagado pelos séculos, não se dá generosamente a ver. Importa-me, sim, no espaço desta revista pensado com sensibilidade para o “teatro perdido”, evocar a figura de Édipo, de modo a inscrever na fenda e na senda maiores deixadas por Sófocles o sulco rarefeito do caminho deste herói traçado pelos três versos sobreviventes da autoria de Ésquilo e que com alguma probabilidade poderiam ter pertencido à sua tetralogia constituída pelas tragédias *Laio*, *Édipo* e *Os Sete contra Tebas*, e pelo drama satírico *Esfinge*.

O intuito que me move está longe de ser o de atender a uma curiosidade desligada de autêntica preocupação no tocante ao humano. Tal

seria irónico, sendo Édipo justamente símbolo de um particular saber e questionar relativamente à identidade do homem, que na Grécia viu desenvolver-se a reflexão sobre a sua integração num espaço social partilhado carecente de justiça. Neste contexto, a figura de Édipo, tal como nos chega modelada por Sófocles, não poderia ser hoje mais actual. Assim sendo, pensá-la, ainda se modestamente, apresenta-se a meus olhos como essencial.

Três versos são efectivamente matéria escassa para se pensar um mito que na cultura europeia ocupa um primeiro plano. Quando assim não se considerar a figura de Édipo, tal ficará a dever-se apenas aos tempos de desmemória que, por complexas razões, vivemos e não cabe aqui desenvolver. Não obstante a evidente escassez do material a analisar, não deixa de ser interessante que precisamente nos três versos sobreviventes de Ésquilo os sentidos de caminho e de encruzilhada estejam marcados com tanta insistência. Por certo nos dizem, antes de mais, ser nosso ainda o caminho de Édipo. Com toda a certeza é, pois, nossa também a encruzilhada que ao homem confronta com a debilidade do seu saber no tocante à sua própria identidade. Assim é nosso ainda esse sulco marcado na terra entre Corinto e Tebas, e este, mesmo se já só rarefeito deixa-nos a pensar se não terá o tempo, generoso mesmo na sua voracidade, permitido que pudéssemos ainda vislumbrar algum ponto do seu traçado onde situar o nosso pensamento de seres que, mesmo contra toda a adversidade da vida presente, não deixaram de na memória ter a sua verdadeira vocação de homens. Mesmo na situação de apenas terem chegado aos nossos dias estes três versos e, consequentemente, aceitando a falibilidade da minha observação, arrisco-me a dizer que é de facto muito intrigante – e não menos tentadora – a forte acumulação de tão sugestivos termos para o mito de Édipo na exiguidade de um fragmento pertencente ao *corpus* de texto esquiliano que, em conluio, o tempo e o destino decidiram fazer chegar aos nossos dias:

ἐπῆμεν ὁδοῦ τροχήλατον  
σχιστῆς κελεύθου τρίοδον, ἔνθα συμβολὰς  
τριῶν κελεύθων Ποτνιαδῶν ἡμείβομεν.<sup>1</sup>

Se confrontarmos estes três versos com Sófocles, *Édipo*, 730 e 733, seguindo o trilha do escoliasta<sup>2</sup>, o trecho de Ésquilo diria respeito ao encontro de Édipo com Laio, precisamente no momento da encruzilhada. Diferentemente do texto de Sófocles, porém, neste grupo de apenas três versos é notória, além da ausência de termos designativos das pessoas que se encontram (a não ser as subentendidas nas formas verbais) a repetição do substantivo κέλευθος e até de ὁδός, posto que aparece também no composto τρίοδος, que precisamente permite formar o sentido de encruzilhada. Num primeiro confronto, fica, pois, muito visível, além do sentido de encruzilhada, a acumulação de termos alusivos ao caminho, num parco conjunto de palavras. Sobressai assim da acção de Édipo – o herói que se situa na encruzilhada, matando o pai, e diante da Esfinge, resolvendo o seu enigma – o percurso conducente à encruzilhada, aspecto que precisamente calha bem ao herói conhecido por uma particularidade relativamente ao seu pé. Ele é οἰδίπους, segundo o texto de Sófocles, aquele que tem o pé inchado, característica aí justificada pelas correntes que teriam prendido os pés do herói quando à nascença fora exposto<sup>3</sup>. A particularidade relativa ao seu pé pode ter também justificação na sua ascendência, em relação à qual J. P. Vernant<sup>4</sup> acentua o traço claudicante de Lábdaco e o de ser canhoto de Laio, com as devidas implicações que não importa aqui desenvolver, não obstante a argúcia da sua reflexão.

1 NAUCK, frag. 173 (= RADT, frag. 173 N: o texto do fragmento é apresentado com o número 387 a, nos “Incertarum Fabularum Fragmenta”). “Íamos fazendo o trajecto da estrada em direcção ao local onde três caminhos se separam e aí passamos pelas junturas dos três caminhos de Pótnias”.

2 Schol. Soph. Oed. R. 733 (apud Nauck, p. 57)

3 Sófocles, *Rei Édipo*, 1032-1036.

4 J. P. Vernant, P. Vidal-Naquet, *Mythe et tragédie en grèce ancienne - II*, Paris, La Découverte, 2001 (1972), pp. 45-69.

Neste caso, o nome de Édipo é interpretado com o sentido do homem com os dois pés (*dipous*), mas sobre o qual todavia pesa a linhagem coxa a que pertence e faz que o sucesso na adivinhação do enigma o situe não como homem que segue a direito pela sua linhagem, mas como o monstro no qual se *confundem* as três gerações, e portanto destruindo a ordem social e cósmica, aspecto para o qual, na leitura de Vernant, apontaria já a formulação do enigma da Esfinge.<sup>5</sup>

Qualquer que seja o sentido a dar a Οἰδίπους, o nome do herói, ao indiciar a existência de uma particularidade relativa ao seu pé, aponta também para uma acção que se afirma enquanto caminhada. Há, pois, uma metáfora do caminho implícita em toda a literatura sobrevivente sobre Édipo, mesmo nos casos em que este aspecto, embora presente, não é tão posto em evidência, como é o caso em Sófocles, se o compararmos com o fragmento de Ésquilo. Claro fica, porém, no texto de Sófocles, o alvo para que tende a caminhada e em direcção ao qual se estende o caminho, porquanto aí a busca de Édipo pela sua identidade se vai desvelando enquanto caminho em direcção ao governo da cidade de Tebas. Não porque o herói o ambicione, e isso até é claro no texto de Sófocles, mas porque lhe vai acontecendo descobrir-se como homem cuja caminhada, no passado, o conduziu, no presente, ao governo da polis. Neste âmbito se situa, pois, o seu particular saber sobre o homem.

63

O caminho trilhado, enquanto metáfora de um certo saber sobre o homem, poderá, de algum modo, assemelhar este herói a Ulisses. Neste aspecto, pode ser bem significativo o fragmento em questão, porquanto nele é muito valorizado o sentido do caminho, mesmo se, dada a exiguidade do texto, este não aparece conexo de um saber. Tal acontece, porém, em Sófocles, mas, embora até como em relação a Ulisses ali apareça também o sofrimento, os caminhos a que o texto se refere não são os efectivamente trilhados, pelo seu pé, entre Corinto e Tebas,

---

5 Vernant apoia-se na formulação das *Fenícias* de Eurípides, que todavia em meu entender não permite propriamente a interpretação pretendida por este comentador.

mas são aqueles que aparecem na expressão *caminhos do pensamento*<sup>6</sup>. Além disso, não se encontra em Sófocles, em tão exígua porção de texto, acumulação semelhante de palavras com o sentido de caminho. Mais marcada ficara na *Odisseia* a conexão entre a múltipla errância do herói e o seu múltiplo saber. Entre estes, o sofrimento intrínseco ao percorrer do caminho e na base do saber<sup>7</sup>.

Em Édipo, porém, diferentemente de Ulisses, o caminho revela-se especificamente encruzilhada, ou mesmo a sua impossibilidade, isto é a sua ineficácia enquanto possibilidade de progressão, neste caso, em direcção ao saber relativo ao governo da *polis*, na medida em que, segundo nos permite vislumbrar o texto sofocliano, esse saber acaba por mostrar-se mal-entendido. Assim sendo, o caminho de Édipo revela-se *aporia*, portanto a negação da sua natureza intrínseca que é a de permitir a progressão com vista a um alvo, meta ou finalidade. O caminho de Édipo revela-se, pois, a sua própria negação. Com efeito, segundo o texto de Sófocles, Édipo é o herói que se distingue por um particular saber sobre si próprio / sobre o homem, na medida em que, contrariamente à generalidade dos que se confrontam com a Esfinge e por ela são fulminados por não saberem a resposta à sua pergunta, o herói resolve o enigma que precisamente confronta o homem com a sua identidade, ao perguntar-lhe *que é o homem?* sob a fórmula: “qual é o ser que primeiro anda sobre os quatro membros, depois sobre dois e, por fim, sobre três?”. Triunfante na sua razão<sup>8</sup>, como em passado relativa-

64

---

6 Sófocles, *Rei Édipo*, 66-67: ἀλλ' ἵστε πολλὰ μὲν με δακρύνοντα δῆ, | πολλὰς δ' ὁδοὺς ἐλθόντα φροντίδος πλάνοις: “sabes com certeza que muito eu chorei, / e que muitos são os caminhos do espírito que percorri em errâncias”.

7 *Odisseia*, I, 1-5: “Fala-me, ó Musa, do homem de múltiplas voltas, que por tantos lados / andou errante, depois que de Tróia a cidadela sagrada destruiu; / de muita gente viu as cidades, conhecendo-lhes o espírito, / e muitas dores em alto mar sofreu no coração, / querendo ele salvar a vida e o regresso dos companheiros”.

8 Um certo traço de tragicidade é inerente ao saber de Édipo: Sóf., *Édipo*, 442-443: ΤΕΙ. αὕτη γε μέντοι σ' ἡ τύχη διώλεσεν. ΟΙΔ. ἀλλ' εἰ πόλιν τήνδ' ἐξέσωσ' οὐ μοι μέλει. Tir.: “É que a tua própria sorte é que te destruiu”. Éd.: “Mas se salvei esta cidade, isso não me importa.

mente recente havia de mostrar o quadro de Ingres, e não sem alguma possível ironia<sup>9</sup>, o herói responde afirmando-se assim simbolicamente como conquistador de uma razão que antecede o acesso ao governo da cidade. O seu saber, porém, contrariamente ao de Ulisses, revela-se estéril, porquanto põe a claro o verdadeiro não-saber do homem. Ulisses atinge Ítaca, recupera o seu poder. Édipo atinge Tebas aparentemente reconquistando também o poder que havia sido subtraído a Laio. No seu caso, porém, a resolução do enigma tem irremediavelmente conexo a si o acto de não saber pleno que para Édipo consistiu em matar o pai.

Assim sendo, a configuração do mito parece mostrar que a resolução de um estado de crise, como é a da peste em Tebas, traz inevitavelmente consigo uma nova crise, situação que, aliás, os dias presentes parecem actualizar, entre nós e entre outras nações em relação às quais o mito de Édipo não constitui também fábula estrangeira. A resolução do enigma da Esfinge, sendo posterior ao parricídio, não é possível sem a consumação deste. O saber do homem sobre si próprio, o saber relativo à sua vocação de viver em sociedade, na *polis*, revela-se, pois, um saber intrinsecamente equivocado. Dir-se-ia, assim, que o homem se encontra em permanência – todo o seu gesto criador – na situação de encruzilhada. Deste modo, o fragmento de Ésquilo, que por conluio do destino e dos deuses sobreviveu até aos nossos dias ganha, nesta perspectiva, alguma importância, porquanto, na exiguidade de três simples versos, qualquer que fosse o sentido que lhes daria o seu contexto, ὁδός revela-se τρίοδος.

65

Ao chamar a atenção para o fragmento de Ésquilo e para o modo como o caminho aí é valorizado, não pretendo sugerir tratar-se de uma novidade ou diferença substancial relativamente aos textos conheci-

---

9 A juventude marcada no rosto da figura central do quadro, Édipo, parece-me poder sugerir a inexperiência que é a de todos nós, que assim teríamos a nossa consciência semelhante à de um rapaz inexperiente, se porventura pensarmos que a nossa razão tem apenas a faceta do seu triunfo. O não saber e ignorância disso mesmo, porventura patente no rosto do rapaz, seriam assim os nossos.

dos e não fragmentários (mormente o sofocliano), a partir dos quais se modela a ideia que hoje formamos de Édipo. Na verdade, embora porventura não marcado com a mesma intencionalidade, aquele elemento não está ausente do texto de Sófocles. O fragmento em questão parece, pois confirmar – e isso já não será pouco – uma tradição anterior comum, onde, no caminho, a encruzilhada (tal como, em Dante, o Inferno, seguido, em novo contexto, do Purgatório e do Paraíso, como se por processo semelhante ao de uma sinédoque, se destaca da categoria narrativa greco-latina da viagem, a qual compreende o Inferno, ou o Hades, no caso grego) assumia uma posição de relevo. Quanto à concentração de termos com a ideia de *caminho*, aspecto onde será visível a importância (não a novidade) do fragmento, poder-se-á argumentar que também em Sófocles se encontra patente o sentido da caminhada, como o testemunham, por exemplo, os versos 420-427, onde ocorrem a forma verbal εἰσέπλευσας e o substantivo que lhe é cognato εὐπλοία. E neste caso até de forma muito sugestiva, pois o caminho conducente à cidade de Tebas, caminho à partida εὐπλοία, e portanto sem qualquer associação a um destino funesto, mostrar-se-á, no futuro, trilha conducente à maldição da linhagem de Édipo, a qual há-de revelar-se no herói, pois guiá-lo-á a um *himeneu inabordável* (422-423: ὑμέναιον ἄνορμον). E este himeneu é tanto um porto a que nunca o herói devia ter abordado, quando um himeneu que é a negação do porto onde o herói (com o seu navio) poderia amarrar o navio. É o lugar onde o herói está à deriva. Além disto, a metáfora do porto, acompanhada de termos na sua etimologia indicadores de um percurso feito por mar, valoriza ainda o caminho, pois aproxima-o da viagem de Ulisses. Não pretendo, pois, ocultar o que é evidente, mas mostrar a importância do fragmento de Ésquilo, que bem parece enquadrar-se na literatura sobrevivente e conhecida relativa a Édipo.

O interesse do fragmento, conservado porventura não por casualidade, é o de poder ser situado, também ele, numa encruzilhada de caminhos entre o que foi modelado por Sófocles, onde é valorizado o saber



de um herói sobre o homem e o governo da sua *polis*, por fim revelado não-saber, e o que de também fragmentário nos chega da tradição épica e onde o aspecto do equívoco porventura não aparece tão acentuado, porquanto, muito embora Édipo já apareça aí como herói parricida, não aparece com a mesma clareza enquanto sujeito do incesto.

Logo à partida, não é inteiramente claro se, em toda a tradição narrativa épica mais vasta na qual se integra a *Odisseia*, o herói se casaria com a sua mãe. Ou pelo menos é levantada uma dúvida razoável ainda por Pausânias (IX, 5, 10), que, partindo da ocorrência de ἄφαρ, se pergunta como poderiam os deuses ter dado a conhecer de modo ἄφαρ, isto é, segundo a sua leitura do advérbio, *logo*, ou *imediatamente*, ou *rapidamente*<sup>10</sup> a enormidade do acto originador do incesto (*Od.*, XI, 272: μέγα ἔργον) e terem tido ainda tempo de ter quatro filhos? Naturalmente que o texto da *Odisseia* tem muito mais peso do que o de Pausânias, bem mais tardio. Apesar de a *Odisseia* ser posterior à *Ilíada* em um período de tempo que não suscitando a unanimidade dos helenistas, ainda assim, é suficiente para naquela epopeia serem consideradas significativas diferenças de concepção narrativa, em todo o caso integra-se na tradição narrativa épica, o que evidentemente não se pode dizer de Pausânias. E qualquer que seja a tradução do advérbio em causa, o texto da *Odisseia* não deixa de apontar o carácter funesto do acto.

De qualquer modo, muito embora valorizando a dor de Édipo, o texto remete para Epicasta a responsabilidade de ser sujeito de uma oração cujo verbo tem como complemento directo μέγα ἔργον. Não se trata de um pormenor. Na tradição grega o estatuto da mulher não é compatível com a função atribuída a Édipo por Sófocles – a de se fazer sujeito de

---

10 Na sua tradução, F. Lourenço contorna este problema, traduzindo o advérbio em causa pela expressão *com o tempo*: cf. Homero, *Odisseia*, tradução de F. Lourenço, Lisboa, Cotovia, 2003. No entanto, também em tradução portuguesa, o advérbio é traduzido por *em breve*: cf. Homero, *Odisseia*, tradução do grego, prefácio e notas pelos Padres E. D. Palmeira e M. A. Correia, Lisboa, Sá da Costa, 1980 (5ª ed.). A tradução parece, pois, ser problemática.

uma busca pelo ser do homem, que se afirma no acto de sair de casa e percorrer o caminho em direcção à *polis*. Poder-se-á contra-argumentar dizendo que Antígona é protagonista de um acto situado no âmbito do problema da lei da cidade; no entanto, não só ela não sai de casa, como sobretudo esta heroína é uma figura excepcional, que, pouco apresentando de uma rapariga vulgar, também pouco tem de mediano; não se enquadra da mesma forma nos parâmetros de Aristóteles a respeito do protagonista. Consideração semelhante poderá ser feita sobre Electra. Ora, Epicasta não é comparável a Antígona, pois não tem na poesia nem estatuto nem importância assemelháveis aos desta. Poder-se-á contra argumentar com a insuficiência do texto homérico, mas o pronome ἧ, relativo a Ἐπικάστη, presente na oração anterior, é que nunca deixará de ser ali o sujeito de μέγα ἔργον ἔρεξε.

68 Assim, o que sabemos é que o texto de Sófocles valoriza o aspecto inominável de uma situação da qual faz protagonista Édipo, de tal modo que põe a nu o equívoco de um saber conducente ao governo da *polis* resultante de uma sociedade perfeitamente organizada onde não se confundem os papéis dos jovens, dos homens adultos e dos anciãos (como se não confundem os das mulheres e dos homens e bem o mostram as epopeias sobreviventes do ciclo troiano) – ordem claramente desfeita no mito de Édipo e que na modelação dada por Sófocles assume a densidade de um contorno trágico. Dificilmente poderemos discernir (como se vê com o que fica dito) exactamente até que ponto o texto de Sófocles é original. Não obstante, ele enquadra-se bem no contexto de crise da segunda metade (já avançada) do séc. V a. C, quando em Atenas grassava a peste.<sup>11</sup> E, em todo o caso, sobre todos os aspectos apontados atrás, parece-me ser muito significativo o facto de, no texto de Sófocles, Édipo, ao contrário do que se encontra na tradição homérica, e apesar

---

11 Para o enquadramento destes e de outros aspectos veja-se a introdução de M. do Céu Fialho, em Sófocles, *Rei Édipo*, introdução, versão do grego e notas de M. do Céu Z. Fialho, Coimbra, INIC, 1979, pp. 11-54.

de ficar a dúvida sobre se permanecerá em Tebas, nunca poder voltar a ser rei de Tebas, porque precisamente pelo seu saber passa necessariamente uma subversão da ordem das gerações e portanto da função e do lugar mantidos na *polis* por cada um. Esta é uma diferença assinalável: em Homero diz-se claramente que Édipo, em sofrimento, continuou a governar em Tebas e a ser rei dos Cadmeus (*Od.*, XI, 275-276). Quanto a Sófocles, não é possível desligá-lo do contexto da *polis* e das questões respeitantes ao seu bom governo, aspectos dos quais dificilmente se pode dissociar o género trágico. Deste modo, Édipo, protagonista de um saber revelado não-saber no tocante a uma identidade humana indissociável do governo da *polis*, não poderia continuar a reinar em Tebas.

Nesta configuração das coisas, também nunca saberemos o que nos revelaria a narrativa *Edipodia*. Em igual situação nos encontramos relativamente ao Édipo perdido de Ésquilo, e tendo este herói adquirido tanta importância na cultura europeia subsequente, tal situação só não se torna a meu ver inaceitável por me parecer que generosamente devemos aceitar o que o tempo e os séculos entenderam por bem legar-nos. Em todo o caso, sendo esta a situação, não poderia deixar de ficar a pensar nas razões que efectivamente não permitiram que a tragédia sobrevivesse, pois não é verosímil que, conhecendo-se de antemão a trilogia *Oresteia* e sabendo-se que a partir da tradição tebana Ésquilo terá composto uma outra trilogia, precisamente o mesmo argumento escolar que ditou a redução das tragédias a copiar e que portanto haviam de sobreviver nos séculos vindouros sustentaria a sua manutenção. Ou porventura a tragédia de Sófocles sobre esta tradição sobrepor-se-ia de tal forma – o que é perfeitamente verosímil – que a trilogia de Ésquilo poderia, neste contexto, ser dispensada. Aceitamos assim o legado de três versos da autoria de Ésquilo que poderão ter pertencido a uma tragédia chamada Édipo.

Entre um e outro ponto – ou como uma de três estradas que se encontram na encruzilhada – o fragmento de Ésquilo testemunha a importância

do caminho em si mesmo, o qual, embora não esteja ausente do texto de Sófocles<sup>12</sup>, não aparece porventura singularizado ou destacado como o fragmento de Ésquilo parece sugerir, mesmo se tal impressão apenas resulta das vicissitudes do tempo. Ora, a valorização do caminho em si, para além dos pontos específicos onde o gesto e a palavra do herói o conduzirão à desgraça, de algum modo aproxima Édipo de Ulisses, e com isto são os dois grandes ciclos lendários que se aproximam. Esta circunstância mostra o valor da metáfora do caminho forjada pelo mito. Tal importância é mensurável até pelo facto de a metáfora porventura poder ser encontrada para além da cultura greco-latina. Por exemplo, Moisés pode também ser visto como protagonista de uma metáfora do caminho. Há por certo diferenças essenciais até de intencionalidade, como, de resto, entre Édipo e Ulisses, que parecem resultar de uma mesma tradição cultural. Não obstante, Moisés é o protagonista de uma caminhada em direcção à Terra Prometida, portanto também em direcção a um lugar que se idealiza enquanto espaço de vida partilhada em sociedade carecente de uma lei, neste caso impressa nos mandamentos de Deus. Mas há diferenças essenciais. A localização da Terra Prometida pode – de harmonia com a origem dos Mandamentos – não ser neste mundo, e portanto o desfecho da caminhada não será perceptível senão pela crença. Não se realiza, pois, em toda a sua plenitude, neste tempo mortal. Não posso ainda deixar de anotar a este propósito, mesmo se este aspecto não tem pertinência directa relativamente à questão em debate, o facto, conexo do anterior, de a caminhada de Moisés ser a de uma renúncia a si próprio e incitação do seu povo a isso mesmo<sup>13</sup>, o que

---

12 De facto, não se pode negar esta presença em Sófocles. Curiosamente, no filme *Édipo re* de Pasolini o aspecto da caminhada está muito presente.

13 O problema, com expressão marcante ainda nos dias de hoje, é bem mais vasto e complexo, e não caberia pensá-lo aqui; com esta referência pretendo apenas contextualizar e justificar a pertinência de encontrar alguma semelhança entre dois mitos que, à partida, nada justifica aproximar. Neste caso, eles aproximam-se por serem porventura marcados por uma metáfora que os impulsiona e antecede, e pode estar presente em outras tradições – a metáfora do caminho.

não poderia ser mais divergente da intencionalidade marcada na evolução desta metáfora no seio da cultura helénica, onde a tragédia mostra bem a importância do indivíduo e precisamente o confronto, que pode assumir um contorno trágico, entre este e a lei no enquadramento da cidade<sup>14</sup>. Entre Édipo e Ulisses, ambos bem distintos desta intencionalidade revelada na cultura hebraica, há também uma diferença essencial. O caminho de Ulisses conduz efectivamente o herói ao seu alvo / destino (muito embora o herói ainda manifeste no final da epopeia a necessidade de partir de novo), quer este receba o nome de Ítaca ou mesmo de Penélope, ou de ambos. Ali, ao recuperar o seu poder, reencontra Penélope, sua mulher irrepreensível, e bem assim Laertes, seu velho pai, o único diante do qual, não obstante ainda conte uma história verosímil sobre a sua identidade, na verdade de imediato se revela como Ulisses, por não lhe ser possível manter a atitude de ocultar o seu verdadeiro nome. O seu caminho condu-lo, pois, à recuperação da sua identidade. O caminho de Édipo também o conduz ao seu destino; no entanto, este revela-se logro e mal-entendido. Em Tebas, o herói recupera de facto o poder outrora subtraído a Laio, seu pai, e enquanto rei de Tebas, encontra em Jocasta uma mulher, de tal modo que toda a sociedade parece harmoniosa. Não fora o equívoco que parece ser, nesta perspectiva da caminhada, destino inevitável. Assim, a tragédia de Sófocles tem o seu início no centro da nova situação de peste, descrita em termos significativos de esterilidade, de forma a mostrar gradualmente como o encontro de Édipo com o pai resulta em parricídio e como tomar Jocasta por sua mulher resulta em assombrosa situação de incesto – em ambos os casos, situações devidas a um acto que é, de forma profundamente irónica, no herói distinto pelo seu particular saber, de plena e desamparada ignorância.

Deste modo, os mitos, embora diferentes desde os seus inícios, apresentam em todo o caso também à partida algum ponto de semelhança ou de intersecção. À medida das mudanças operadas pelos séculos, a

---

14 Veja-se o caso da *Antígona* de Sófocles.

diferença vai-se acentuando, deixando menos evidente o ponto da proximidade. E não sabemos exactamente quando o mito adquire a feição que lhe é dada por Sófocles e o que a este tragediógrafo ficará também a dever-se, no contexto específico da segunda metade do século V a. C. Deste modo, o fragmento de Ésquilo que, quiseram os deuses, nos legou esta acumulação de termos alusivos ao caminho, encontra-se na encruzilhada entre um ponto a partir do qual poderia ser visível uma hipotética proximidade com o mito de Ulisses e o estado da tragédia consumada enquanto tal, o que, de qualquer modo, a avaliar pela obra sobrevivente de Ésquilo, marcaria já decisivamente a sua tragédia Édipo. Assim, o seu sentido é muito significativo no decurso dos séculos, pois nele fica patente a pormenorização da circunstância de o caminho poder fazer-se tragicamente permanente situação de encruzilhada. Não obstante, força é continuar a percorrê-lo, abrir espaço ao indivíduo no seio da *polis*, lugar que de outro modo não poderá manter este nome.

72        Deste modo, a perda da tragédia de Ésquilo não posso deixar de vê-la como imensa.